

A INFLUÊNCIA DE KANT SOBRE A HISTORIOGRAFIA CIENTÍFICA

André Vinícius Dias Senra*, **Adílio Jorge Marques****

* Doutorando em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia (UFRJ/HCTE). Professor da Faculdade São Bento. Email: avdsenra@yahoo.com.br

** Doutor em História e Epistemologia das Ciências (UFRJ/HCTE). Professor colaborador do UERJ/Proeper. Email: adiliojm@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho apresenta as ideias de Kant no sentido de evidenciar a sua concepção materialista. Tradicionalmente, este pensador é visto como um filósofo que possui algum compromisso ontológico. Contudo, a filosofia de Kant é crítica na medida em que ele não enveredou por uma concepção metafísica. O compromisso de Kant com a fundação do conhecimento implica em uma crítica da tradição metafísica, apresentando uma proposta que estabeleceu a justificativa para o determinismo, o materialismo e o positivismo em relação à questão do conhecimento. O tema do materialismo kantiano propõe uma reflexão de interesse tanto do ponto de vista epistemológico quanto da historiografia da ciência. Tal abordagem infere que a influência kantiana não se restringe apenas o âmbito filosófico, mas que a ideia kantiana se mostra, no desenvolvimento histórico das teorias epistemológicas, comprometida com o realismo objetivista.

Palavras-chave: crítica, objetividade, transcendental.

Discussão com a metafísica

O problema da filosofia crítica de Kant se constitui em vários problemas articulados, embora comporte uma unidade interna consistente. A filosofia de Kant possui uma dimensão teórica e uma prática, ou seja, uma dimensão epistemológica e outra ética. Neste trabalho, a opção foi desenvolver apenas a dimensão epistemológica da filosofia kantiana, em função da discussão temática estar centrada na Teoria do Conhecimento. Com isto, não se quer dizer que a parte ética não seja importante, mas que o fato de o presente trabalho ser apenas um breve esboço

do pensamento teórico de Kant, tornando esta interpretação mais pontual no aspecto epistemológico.

Se o problema filosófico kantiano tem um duplo aspecto (teórico e prático), no campo epistemológico pode-se verificar a existência, também, de outra subdivisão, apresentando duas perguntas fundamentais na ‘Crítica da Razão Pura’. Ao que parece, torna-se imprescindível entender a conexão que há entre estas perguntas epistemológicas fundamentais (ainda que logicamente sejam independentes uma da outra), no intuito de se compreender a filosofia teórica de Kant. As perguntas teóricas que constituem o ponto de partida da ‘Crítica da Razão Pura’ podem ser formuladas do seguinte modo: é possível a metafísica como ciência? Como são possíveis a física e a matemática como ciências?

A segunda pergunta acima, indagadora da possibilidade da física e da matemática como ciências, tem como pressuposto a concepção kantiana sobre o que é a ciência. Esta é, em Kant, marcadamente a geometria euclidiana e a mecânica newtoniana. Isto pode parecer óbvio, mas na primeira metade do século XVIII existiam, na Alemanha, duas físicas, a saber: a de Descartes e a de Leibniz. A discussão entre estas ‘físicas’ caracterizaria o momento científico, e nenhuma delas conseguiria se impor, definitivamente, sobre a outra. A física de Newton surge como uma nova e poderosa concorrente, que as desloca, embora com lutas e fortes resistências. O desenvolvimento intelectual de Kant coincide com este processo, iniciando a sua formação em física através do contato com as polêmicas entre cartesianos e leibnizianos para, em seguida, aderir progressivamente a Newton e tomar partido definitivo por este pensador-cientista.

A física de Descartes e a de Leibniz se diferem em várias questões fundamentais; contudo, possuem quatro pontos em comum.

- a) Descartes e Leibniz (assim como todos os racionalistas em geral) compartilham uma idéia de ciência que tem suas raízes na Antiguidade clássica, segundo a qual a ciência é conhecimento necessário e universal. Neste sentido, necessidade é conhecimento demonstrativo pela razão. Não se trata de descrever, mas de explicar. Não se trata de investigar fatos e estabelecer novas verdades em relação a estes, mas de provar estas verdades.
- b) Ambos trabalharam no projeto comum à ciência moderna, ou seja, o de matematizar a natureza.

- c) Descartes e Leibniz associam suas respectivas físicas com suas metafísicas. A idéia central é que as físicas são diferentes porque as metafísicas respectivas são também diferentes. Descartes e Leibniz fundamentam suas respectivas físicas em suas metafísicas. Como a concepção de ciência é conhecimento necessário, ambos vinculam a necessidade, que caracteriza suas físicas como ciência, às suas metafísicas.

Kant adota a física de Newton sem, no entanto, abandonar a teoria clássica de ciência, na qual havia se formado. Ele aceita a mecânica newtoniana, mas a interpreta através da idéia racionalista de ciência. Para Kant, a física newtoniana é algo mais do que uma generalização dos dados empíricos ou uma descrição matemática adequada dos fenômenos, mas é um conhecimento que implica um caráter universal e necessário. Kantianamente existem dois tipos de conhecimento, o empírico e o *a priori*.

Conhecimento empírico é o que se funda na experiência, sendo esta um saber baseado nos sentidos. Trata-se do que é recebido de modo sensorial, e, portanto, uma experiência é sempre um conhecer à posteriori. Conhecimento à priori é aquele tipo de saber que não pode ser adequado e suficientemente fundado na experiência, pois a particularidade da experiência não é capaz de fundar um conhecimento cujo critério seja de universalidade e necessidade. Porque se a experiência puder indicar o motivo de como as coisas foram até agora, contudo, não pode dizer se serão sempre do modo como, ou foram até certo momento, e nem explicar se devem ser sempre de um determinado modo e não de outro. Se há um conhecimento com as qualidades de necessário e universal, então, ele deve ser *a priori*.

Se tomarmos em conjunto todos estes elementos apontados até agora, chegaremos a determinadas conclusões que são, na verdade, pontos de partida para Kant.

- 1) Ser o modelo de ciência a mecânica newtoniana.
- 2) A ciência deve ser um conhecimento necessário e universal.
- 3) Logo, a mecânica newtoniana é conhecimento necessário e universal.
- 4) Ainda que conhecimento necessário e universal, não pode jamais ser empírico, mas é um saber à priori (em função de sua previsibilidade).
- 5) Portanto, se a mecânica newtoniana é possível como ciência, então, o conhecimento à priori também é possível.

Pode-se constatar que o primeiro elemento do problema teórico de Kant é a física. O segundo elemento será precisamente a metafísica. Mas, o que é a metafísica para Kant? É, basicamente, a metafísica racionalista. Naquele período já se sabia que Descartes escrevera uma obra chamada ‘Meditações Metafísicas’, na qual se propunha a resolver, entre outros, de modo definitivo, problemas tais como o argumento ontológico e a imaterialidade da alma humana.

Algo similar foi tentado por pensadores como o próprio Leibniz, Spinoza e outros autores racionalistas daquela época. Este tipo de questionamento metafísico não pode obter resposta pela experiência, pois esses ‘objetos’ mencionados nas referidas interrogações não são perceptíveis pelos sentidos. Argumentos metafísicos geralmente se articulam em torno de princípios puros e entes de razão. Em conseqüência, a metafísica se coloca perguntas que excedem os limites da experiência. A ideia kantiana de que o conhecimento só poderia ser obtido mediante um princípio racional. Kant pensou em um tipo de razão que pudesse ser justificável através da experiência como critério de validação.

O método de Descartes pretendia provar determinadas verdades através de uma demonstração de puros raciocínios. A metafísica pretende ser conhecimento puramente racional, ou ainda um conhecimento por meio da ‘Razão Pura’. Os racionalistas consideravam a metafísica possível como ciência, pois, concordavam que seria possível conhecer, por meio da simples razão, verdades que transcendiam toda a experiência possível.

Hodiernamente muitos duvidam que as assim denominadas ‘questões metafísicas’ possam ser conhecidas (e muito menos demonstradas), importando para muitos apenas entender o motivo pelo qual os homens inteligentes dos séculos XVII e XVIII pensavam o contrário. A confiança que depositavam na cientificidade da metafísica era produto da confiança que tinham na Razão Pura, bem como, a crença na racionalidade pura era tributária da confiança que tinham na matemática. A matemática ocupava um lugar privilegiado entre os saberes racionais da época, sendo considerada modelo de solidez e rigor, de modo que suas verdades são em si mesmas evidentes ou demonstradas a partir de verdades claras. O argumento dos racionalistas se orienta a partir da consideração de que a matemática não se baseia na experiência, ou seja, um matemático demonstra teoremas apoiando-se unicamente na razão.

Em relação aos racionalistas, surge a seguinte questão: se nas matemáticas a Razão consegue produzir conhecimentos a partir de si mesma, por que ela não poderia fazer o mesmo na metafísica? Então, o esquema para compreender os racionalistas é que a possibilidade da

metafísica como ciência depende da possibilidade do conhecimento à priori por meio da Razão Pura.

De acordo com o que já foi dito até aqui, pode-se concordar que tanto a mecânica newtoniana quanto a metafísica racionalista pretendem obter conhecimento à priori, ainda que haja uma diferença decisiva no alcance desta tarefa. O fato inquestionável é que a mecânica newtoniana obteve êxito, enquanto a metafísica fracassou. A mecânica newtoniana consegue construir um conjunto de conhecimentos que é aceito por todos e confirmado pelos fatos conhecidos. A metafísica, pelo contrário, como diz Kant, é ‘um infundável teatro de disputas’, não existindo uma única tese que seja aceita de modo unânime, nem uma única demonstração que não seja questionada.

Se observarmos que o problema capital da ‘Crítica da Razão Pura’ pretende responder por que o conhecimento *a priori* é possível na mecânica newtoniana, e não o é na metafísica, logo compreendemos que a física é parte integrante desse problema. Kant afirma que a metafísica não era possível como ciência porque transcendia os limites da experiência. Contudo, não é central o fato de que a metafísica não seja possível por esta razão e que a física seja possível como ciência porque está unicamente baseada na experiência. O verdadeiro problema para Kant é a diferença na situação da física e da metafísica em relação à possibilidade do conhecimento *a priori*.

Foi dito que conhecimento *a priori* implica na necessidade. A questão de fundar a possibilidade de tal tipo de saber consiste em fundar esta necessidade. Necessidade, neste sentido, assume a condição de ser uma necessidade lógico-formal. E isto porque a lógica não faz outra coisa senão explicitar a legalidade da razão. Os princípios lógicos são os princípios da ‘Razão Pura’. Portanto, torna-se possível estar apoiado nesta e fundar um conhecimento necessário de um ponto de vista lógico-formal. No entanto, nenhuma ciência pode estar baseada apenas no critério lógico-formal.

O problema teórico de Kant é explicar a origem de uma necessidade que não é lógico-formal (ou seja, que não é baseada no princípio de contradição) e que, portanto, não é ‘analítica’, mas ‘sintética’. Não se pode esquecer de mencionar que a ciência físico-matemática procura reduzir a explicação sobre o universo a um sistema de leis. Esta, ao que parece, foi a grande herança da mecânica newtoniana. Assim, o significado científico de uma lei não é outro que o estabelecimento de uma relação universal e necessária entre fenômenos. A universalidade e a

necessidade da relação entre fenômenos são afirmadas pela causalidade, à qual diz que tudo o que acontece tem uma causa.

A legalidade da natureza pressupõe a causalidade. No entanto, desde Hume, os filósofos sabem que a causalidade não pode ser demonstrada através do princípio de contradição, ou seja, que sua negação não contém uma impossibilidade lógica.

Podem-se formular as indagações kantianas sobre o aspecto teórico em quatro perguntas ordenadas a partir do grau de importância.

- 1) Por que a física e a matemática são possíveis como ciências, e a metafísica não?
- 2) Por que é possível um conhecimento *a priori* na física e na matemática, e não na metafísica?
- 3) Por que é possível a necessidade sintética na física e na matemática, e não na metafísica?
- 4) Como o conhecimento *a priori* é universal e necessário, pode acrescentar ao item três acima: por que é possível a necessidade sintética de caráter universal na física e na matemática, não o sendo na metafísica?

A metafísica pretende obter conhecimento *a priori* e não o consegue, ou em outros termos, a 'Razão Pura' não é capaz de outra coisa do que fundar uma necessidade lógico-formal. Se por um lado Kant não considerou possível a metafísica como ciência, de outro modo, ele pensava que os problemas, que a metafísica levanta, são importantíssimos, inclusive, maiores do que os da física. As questões metafísicas não são apenas relevantes, para Kant, mas são necessárias. Isto origina um paradoxo, pois, ainda que a Razão Pura não possa responder, também não pode deixar de se indagar. A razão é a capacidade de procurar razões. Nisto consiste sua tarefa própria e específica da metafísica, ou seja, perguntando pelos muitas vezes 'por quê?'; ou ainda, como diz Kant, buscando a condição de cada condicionada, que a razão se vê impulsionada a colocar-se na ideia do incondicionado ou do absoluto. É deste absoluto que pretende tratar a metafísica, pois a pergunta pela causa da causa da causa conduz a idéia de uma causa última do universo: a idéia de um Deus.

Questões metafísicas tendem à insolubilidade. A razão, ao tentar responder essas questões, cai em contradições consigo mesma, produzindo antinomias. A proposta introduzida por Kant na História da Filosofia toma uma guinada em favor do materialismo, e com isto abandona as questões metafísicas. A orientação antropocentrista de Kant também ofereceu

condições para uma justificativa epistemológica da ciência, na medida em colocou limites para o conhecimento humano.

Considerações Finais

A verdadeira dimensão introduzida por Kant na história da filosofia está em tornar a filosofia uma teoria da objetividade (*Geltungstheorie*). Se no primeiro momento a filosofia se ocupa de modo prioritário com o objeto, em um segundo momento o faz em relação à objetividade, ou ainda, Kant entendeu que a filosofia deveria se ocupar com a fundamentação de aspirações de validade universal. Para tanto, Kant estabeleceu que a filosofia devesse assumir a condição de ser uma filosofia transcendental. Por que a ‘Crítica da Razão Pura’ desenvolve uma filosofia transcendental? O próprio Kant respondeu no item VII da Introdução desta sua obra: “Denomino transcendental todo conhecimento que, em geral, se ocupa não tanto com objetos, mas com o nosso modo de conhecer objetos na medida em que este deve ser possível *a priori*”. (KANT, 1989: 33).

Assim sendo, as perguntas a que toda metafísica, no sentido da filosofia teórica e crítica, deve responder são as seguintes:

- 1) O que posso saber? (se dirige ao conhecimento).
- 2) O que posso fazer? (diz respeito à moral).
- 3) O que posso esperar? (se refere à religião).
- 4) O que é o homem? (abarca as anteriores, por ser a mais importante de todas as questões).

Deste modo, conclui-se que a tarefa da filosofia transcendental, entendida como ‘Crítica da Razão Pura’, deve determinar as fontes do saber humano, a extensão do seu uso possível e útil, e os limites da razão humana.

Referências

Kant, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*, Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989.

_____. *Transición de los Principios metafísicos de la Ciencia Natural a la física*, Ed. Nacional, Madrid, 1983.

Kemp Smith, N. *A Commentary to Kant's 'Critique of Pure Reason'*, Humanities Press International, 1992.